

361

190.

Índios espancam e prendem dez grileiros em Turvo

O clima é tenso na região central do estado. Um dos invasores agredidos pelos caingangues está em coma em hospital de Guarapuava

Turvo - Tensão nos municípios de Turvo e Guarapuava, a 266 quilômetros de Curitiba, região central do Paraná. Índios caingangues da Reserva de Marrecas expulsaram um grupo de grileiros que invadiu a área. Os ocupantes foram espancados, entre eles uma mulher de 78 anos. Durante a confusão, um dos invasores, Pedro Fermino Silvério, foi ferido na cabeça e está internado em coma na UTI do Hospital São Vicente de Paula, de Guarapuava.

Agora, a tribo está sendo ameaçada pelos grileiros que foram ouvidos na polícia e depois liberados. Os índios prometem matar quem invadir a reserva. "Eles disseram que se não existe justiça fora da reserva, vão fazer com as próprias mãos e não vão ouvir os apelos de autoridades", disse o representante da Funai na região, Pedro Cornélio Seg-Seg, que também faz parte da tribo.

Ataques

O assessor para assuntos indígenas do governo do estado, Edívio Battistelli, pediu reforço à Polícia Militar e à Polícia Federal, temendo confrontos. Pedro Cornélio fez o mesmo pedido, com

receio que as autoridades ligadas aos índios também sejam alvos de ataques dos grileiros. Para prevenir confrontos, os funcionários da Funai e os índios pretendem começar a bloquear hoje a estrada de acesso à reserva.

Segundo o delegado Antônio Ângelo Colombo, de Guarapuava, ao todo, onze pessoas invadiram a reserva. Os ocupantes não têm qualquer ligação com o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. São todos da mesma família, sendo ex-

arrendatários ou descendentes, que não se conformam da área ser propriedade da União.

Prisioneiros

Segundo os levantamentos da polícia, o primeiro grupo de grileiros, com oito pessoas, chegou à reserva na terça-feira, derrubou árvores e montou barracas. Outras três pessoas entraram na área por volta das 18 horas da terça-feira, mas foram pegas pelos índios. Eles tiraram as roupas dos invasores e espancaram todos com chicotes. Um dos homens teve ferimentos na cabeça e foi levado à sede da Funai, quando recebeu os primeiros socorros e depois foi transferido para o hospital.

De madrugada, cerca de 100 índios foram ao acampamento dos grileiros. Neste local, um dos invasores fugiu. Os demais ficaram sem roupas, sendo amarrados e espancados. Entre os prisioneiros estava Laurinda Maria da Cruz, de 78 anos, que também sofreu violência.

Os invasores foram levados para a Delegacia de Guarapuava, onde foram ouvidos. O delegado liberou o grupo e ontem estava retendo o processo para o município vizinho de Turvo, onde a ocupação aconteceu.

Reserva tem 600 caingangues

Turvo - A Reserva Indígena de Marrecas tem 600 índios caingangues. A tribo está na área há quase 100 anos, mas, durante o período de permanência dos índios, o governo autorizou processos de arrendamentos, pelo qual algumas famílias tiveram permissão para ficar na terra e produzir por alguns anos.

Mas em 1973 o Estatuto do Índio (Lei 6.001) estabeleceu que as reservas indígenas deveriam ser patrimônio da União, com usufruto dos índios. Essa situação foi garantida pela constituições estadual e federal (88).

Mata

A legislação do estado coloca ainda as terras e tradições dos índios como patrimônio cultural e ambiental. Por tudo isso, o assessor especial para assuntos indígenas do governo do estado, Edívio Battis-

telli, acredita que os grileiros não têm nenhuma base legal para reivindicar direito à terra. "Ninguém melhor que o presidente da República, que declarou as reservas patrimônio da União, para dizer a quem pertence a terra", ressaltou.

Battistelli acredita que os invasores querem a área porque estão interessados na madeira que pode ser extraída do local, com a destruição da mata nativa. Marrecas é uma reserva com área total de 16.538,58 hectares, que tem mais de 90% de sua área em Turvo e o restante em Guarapuava. Ao todo, os mais de 10 mil índios do Paraná estão assentados em 85 mil hectares de reserva. "Os índios têm hoje 0,4% do território do Paraná. Nós já tiramos deles 99,4% de suas terras e não podemos exigir mais do que isso", concluiu Battistelli.